

A constituição do *Eu* e seu impacto no desejo do sujeito

Lacan na aula sobre a balança do desejo em 1954, nos diz que temos que verificar o quanto a noção freudiana do *Eu* impacta na condução da experiência analítica e no que chamamos de desejo do sujeito.

Segundo ele, o *Eu* é um termo verbal cujo uso é aprendido, referenciado ao outro através da fala. O que o leva a dizer: “o *eu* nasce em referência ao *tu*” (LACAN, 1954, p. 219). Nesse sentido, compreende-se que o *Eu* se constitui inicialmente numa experiência de linguagem, em referência ao *tu*, que é, para a criança, o outro; que manifesta ordens e desejos, dos pais, dos educadores e seus pares. Essa criança tem chances mínimas de distinguir o seu desejo do desejo do outro. Do seu desejo, ele *não sabe nada*. O que o analisando reconhece de si na sua análise? Há uma ignorância.

“Na análise, a partir do momento em que engajamos o sujeito, implicitamente, numa pesquisa da verdade, começamos a constituir sua ignorância. [...] Essa ignorância não é, pois, uma pura e simples ignorância. É o que é expresso concretamente no processo *Verneinung*, e que, no conjunto estático do sujeito, se chama desconhecimento.” (LACAN, 1954, p. 220).

Para Lacan, este desconhecimento não é ignorância, ao contrário, representa uma certa organização de afirmações e de negações a que o sujeito está ligado. Há, por trás desse desconhecimento, um certo conhecimento do que há a desconhecer.

Na análise, é preciso avançar para destrinchar a verdade que está além da linguagem do sujeito. De acordo com Lacan, isso acontece com o ser humano em função do que ele chama de anarquia das pulsões elementares. Sua relação com o objeto libidinal está submetida a diversas contingências.

De acordo com Lacan, essas contingências diversas isolam a função que desempenha no homem a imagem do seu próprio corpo, a jubilação da criança diante do espelho, o momento tão significativo para a constituição psíquica da criança. O estágio do espelho apresenta, assim, uma analogia com o momento de balança que se produz em certos momentos do desenvolvimento psíquico.

Lacan nos esclarece, não sem esforço, que a criança só pode ter este domínio no estado de forma¹ vazia do corpo. Através do movimento de balança, de troca com o outro é que o homem se apreende como corpo. Da mesma forma, nos diz ainda Lacan, tudo o que está então nele no estado de puro desejo - desejo originário, não constituído e

¹ “Não há forma que não tenha superfície, uma forma é definida pela superfície – pela diferença no idêntico, quer, a superfície.” Superfície refletida numa forma. (LACAN, 1954, p. 224).

confuso, que se exprime no choro ou gemido da criança – é invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo.

A criança só aprenderá a reconhecer o seu desejo com sua entrada na linguagem. Antes da linguagem, na origem, o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro. Isso provoca uma certa tensão na criança que a percebe desprovida de saída, a não ser, como ensina Hegel, com a destruição do outro.

Dessa maneira, será impossível para os homens viverem harmoniosamente ou pacificamente. Qual a nossa saída, enquanto seres humanos, para esta impossibilidade? Considerando que o sujeito humano vive no mundo do símbolo, quer dizer, num mundo de outros que falam, neste sentido, o seu desejo é susceptível da mediação do reconhecimento, sem a qual toda a função humana só poderia esgotar-se na aspiração indefinida da destruição do outro como tal.

O que podemos deduzir daí é que, por sermos seres de fala, cada vez que, no fenômeno outro, algo aparece que permite de novo ao sujeito re-projetar, re-completar, nutrir como diz Freud em algum lugar, a imagem do *Ideal-Eu*, cada vez que se refaz de maneira analógica a assunção jubilatória do estádio do espelho; cada vez que o sujeito é cativado por um dos seus semelhantes, o desejo volta no sujeito. Mas volta verbalizado, sinaliza Lacan (1954)

Essas condições foram descritas por Freud (1923) em *O Eu e o Isso*, onde escreve que o eu é feito da sucessão das suas identificações com os objetos amados que lhe permitiram tomar a sua forma. O *Eu* é um objeto feito como cebola, ao ser descascado, se encontram as identificações sucessivas que o constituíram.

Em função desta operação de identificação, Lacan nos diz que a reversão perpétua do desejo à forma e da forma ao desejo, ou, em outras palavras, da consciência e do corpo, do desejo enquanto parcial ao objeto amado, em que o sujeito literalmente se perde, e com o qual se identifica, é o mecanismo fundamental em torno do qual gira tudo que se relaciona ao ego.

Pode-se dizer que o desejo alienado, é perpetuamente reintegrado de novo, reprojetoando no exterior o *Ideal-Eu*. É assim, segundo Lacan, que o desejo se verbaliza, no jogo de balança entre duas relações invertidas: a relação especular do ego, que o sujeito assume e realiza, e a projeção, sempre pronta a ser renovada no *Ideal-Eu*. Vejamos o que mais se pode dizer sobre a clínica do desejo no VII Colóquio da EPFCL-RDB.

José Antonio Pereira da Silva - AME - EPFCL-RDB

Referências:

FREUD, S. *O EGO e o ID* (1923) In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.

Tradução de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.v.XIX,

p.11–83.

LACAN, J. *A báscula do desejo* - Cap. XII. In.: Livro 1 Os Escritos Técnicos de Freud. (1953-1954) -

2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009 p. 215 – 231.